

Comemorando 100 anos do "8 de março" como Dia Internacional da Mulher.

Cem anos se passaram desde a Reunião da Internacional Socialista, realizada em Copenhague (Dinamarca), em 1910, que reuniu trabalhadoras de diversos países em torno da luta feminista, cujo eixo central, naquele momento, era a exploração, a exclusão e a discriminação vividas pelas mulheres no mercado de trabalho.

Nesses cem anos, muitas foram as lutas e as conquistas obtidas, dentre elas o direito ao voto feminino, à terra e ao trabalho, à educação, a luta pelos direitos reprodutivos e sexuais; pelo direito à autonomia do corpo, à não violência contra a mulher, lutas e direito, enfim, a democracia, liberdade, justiça e igualdade.

Para comemorar, muitas atividades foram organizadas e promovidas pelos grupos de mulheres e pelas feministas nos diversos bairros e comunidades da cidade do Rio de Janeiro.

Também para festejar a data, a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres organizou um evento com exposições, desfiles, filmes e shows, com o seguinte lema: "Mais autonomia, mais cidadania e menos violência para as mulheres brasileiras".

O evento contou com a participação da Ministra de Política para as Mulheres, Nilcéa Freire, e com o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, além da Ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff.

As mulheres têm percorrido um longo caminho na visibilização de nosso papel social e na luta por nossos direitos, mas sabemos que devemos continuar a batalha contra toda forma de desigualdade e ao mesmo tempo, pelo reconhecimento da diversidade entre homens e mulheres como uma riqueza da sociedade.

Fórum Social Urbano Mundial

Aconteceu no Rio de Janeiro, entre os dias 22 e 26 de março de 2010, o 5º Fórum Urbano Mundial, principal evento de urbanismo do mundo.

O Fórum foi estabelecido pelas Nações Unidas para analisar um dos problemas mais urgentes que o mundo enfrenta hoje: a rápida urbanização e seu impacto nas comunidades, cidades, economias, mudanças climáticas e políticas. O tema do FUM5 foi "O Direito à Cidade: Unindo o Urbano Dividido".

Paralelamente ao evento, as entidades e a sociedade civil se uniram no Fórum Social Urbano Mundial, evento de análise e denúncia, mas também e principalmente um espaço de construção de políticas alternativas para o fortalecimento dos movimentos populares. Nele, as questões discutidas eram as mesmas divergindo, entretanto, principalmente quanto à lógica central: enquanto o Fórum Oficial priorizou uma urbanização voltada para o capital, o Fórum Social evidentemente levantou que o principal foco nas cidades deve ser a igualdade de direitos a todos os cidadãos, excluindo-se

qualquer possibilidade de preconceito.

As empresas transnacionais, as corporações financeiras e as agências multilaterais já desenharam sua cidade ideal. É a cidade globalizada, associada aos mercados globais por fluxos e hierarquias; uma cidade submetida aos interesses daqueles poucos que controlam e regulam os mercados: uma cidade orientada para e pelos mercados, a cidade neo-liberal, onde o sujeito deixa de ser cidadão e passa a ser consumidor. E aquele que não consome, não apresentando nenhum valor para o mercado, passa a ser “descartado”, marginalizado, excluído. Assim, a cidade não é uma, mas várias, partida; em cidadelas para os ricos, enclaves para as classes médias, bairros vulneráveis para as classes trabalhadoras e guetos para os mais pobres e grupos discriminados.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, a falta de planejamento, e as políticas de exclusão social têm se transformado em tragédias como a provocada pelas recentes chuvas.

Na carta final, o Fórum Social Urbano diz acreditar ser possível construir cidades amigáveis para as populações e suas necessidades e, com a participação organizada e autônoma dos cidadãos, garantir que o direito à cidade seja de todos.

O drama no Haiti.

A tragédia provocada pelo terremoto no Haiti deixou o mundo totalmente dolorido e comovido.

Entretanto, a tragédia não foi provocada apenas pelas forças

incontroláveis da natureza, sendo na realidade a soma do terremoto e de um conjunto de carências previamente existentes que determinaram o colossal grau de destruição.



A partir desse momento, as repostas dadas pelos governos e sociedades do mundo inteiro têm sido muito diversas e até contraditórias. Muitas delas têm surgido a partir de uma valorização profundamente preconceituosa e racista que enxerga o povo haitiano como sendo incapaz de definir e construir seu próprio destino. Esse pensamento está na base de grande parte da “ajuda humanitária” que vem chegando ao Haiti, aliado, na verdade aos interesses econômicos e financeiros interessados na reconstrução do país. Ao mesmo tempo e de forma diversa, tem surgido uma solidariedade vinda dos povos do mundo e de alguns governos que estão buscando recuperar a auto-estima do povo haitiano, mobilizando suas próprias capacidades de recuperação.

Pela Soberania do povo haitiano para definir o seu destino!

Boletim elaborado pelo Instituto Equit – Gênero, Economia e Cidadania Global

Para assinatura ou cancelamento: equit@equit.org.br

Para ler os boletins anteriores acesse: www.equit.org.br

Editora responsável: Lucia Santalices